

ACERVO DIGITAL FUNDAJ

Porque continuo a ser
monarchista: carta ao
Diário do Commercio

Fundação Joaquim Nabuco

www.fundaj.gov.br

PORQUE CONTINUO

A SER

MONARCHISTA

CARTA AO DIARIO DO COMMERCIO

POR

JOAQUIM NABUCO



Londres

Abraham Kingdon & Newnham, Impressores, 12 Finsbury Street E.C

—
1890.

F
082.L

N117P

ASN/E

PORQUE CONTINUO

A SER

MONARCHISTA

CARTA AO DIARIO DO COMMERCIO

POR

JOAQUIM NABUCO



Londres

Abraham Kingdon & Newham, Impressores, 12, Finsbury Street, E.C

—
1890.

Carta ao Diario do Commercio

Meu caro Dr. Fernando Mendes,

Tenho o maior prazer em corresponder á sua honrosa insistencia manifestando ainda uma vez pelo seu jornal o meu modo de pensar sobre o novo regimen. Infelizmente não posso adeantar nada á conclusão negativa que externei ha mezes, de não dizer-me republicano. Na communhão, porém, em que tanto tempo vivi com os elementos adeantados da opinião tenho grande empenho em não deixar correr á revelia perante ella a minha causa, que é tambem a dos que não são republicanos pelos mesmos motivos que eu. Por isso me aproveito agradecido desta nova facilidade de pleiteal-a.

Na minha Resposta ás Mensagens do Recife e Nazareth recapitulei alguns desses motivos, os que mais influiram sobre mim no tempo da monarchia. Eu sei que em politica razões excellentes para se sustentar o que existe podem não servir para querer voltar ao passado. Ha mesmo sempre a questão de saber até que ponto instituições podem ser concertadas. Compreendo que muitos dos que sustentavam a monarchia sómente por motivos empyricos, por tradição historica, por gratidão nacional, achem hoje alguma razão para serem republicanos. Do mesmo modo não me admiraria ver com tendencias monarchicas muitos dos que esperavam outra coisa da republica, ou que eram republicanos porque tanta gente

era monarchista. Todos os dias vê-se algum antigo personagem monarchico procurando convencer-se pela imprensa de que não deixou de ser leal, agradecido, e coherente, seguindo a nova bandeira. A monarchia estava nos ultimos tempos na posição do paganismo no seculo IV : era uma crença da qual se podia ainda fazer profissão e tirar vantagens temporaes, mas que ninguem mais tinha. Nem a posse dos mais altos cargos, nem o uso dos titulos, nem a convivencia do paço, queria dizer convicção monarchica.

O meu caso, porém, é inteiramente diverso. Eu não me limitava a ser monarchista, por preferir conservar a nossa tradição monarchica a tentar com a unidade nacional uma *experiencia sociologica*. Condemnei a propria experiencia como necessariamente desastrosa, e por isso não sei que seja dever meu tomar tambem parte nella.

Eu era monarchista porque a logica me dizia que não se devia absolutamente aproveitar para nenhuma fundação nacional o resentimento do escravismo ; por prever que a monarchia parlamentar só podia ter por successora revolucionaria a dictadura militar, quando a sua legitima successora evolutiva era a democracia civil ; por pensar que a republica seria no Brazil a pseudo-republica que é em toda a America Latina. Eu dizia que a republica não poderia funcionar como governo livre, e que, desde o dia em que ella fosse proclamada, desappareceria a confiança, que levamos tantos annos a adquirir sob a monarchia, de que a nossa liberdade dentro da lei era intangivel. A causa da altivez com que todo brasileiro olhava para o Imperador era a certeza de que elle nada podia tentar contra o ultimo

dos cidadãos, assim como a causa do orgulho que tínhamos d'elle era a certeza de que, ainda nas peores conjuncturas pessoas, elle não o havia de querer.

Quem era assim monarchista pela idea que fazia da republica não pode honestamente tornar-se republicano pela razão de que a sua previsão está começando a realizar-se.

Concedo que não tenha maior importancia o que estamos vendo, que tudo seja passageiro, que o Congresso tenha animo e genio bastante para quebrar todos os moldes, annullar os precedentes de uma longa e inutil dictadura, e insufflar na republica o espirito democratico. Para alterar, porém, uma attitude baseada n'uma previsão politica é preciso pelo menos que haja um começo de modificação nos elementos que a determinaram, ou uma rectificação no calculo das probabilidades. Infelizmente o mais que eu posso dizer é que não tenho ainda razão alguma para mostrar na republica triumphante a esperanza que a militante nunca me inspirou.

Note-se bem que eu tinha por feita a republica, quando pronunciei na camara a minha ultima declaração monarchica. Não me illudia sobre a imminencia do naufragio: quando um navio está para afundar, diz um proverbio allemão, os ratos são os primeiros a deixal-o. Fazendo um appello na ultima sessão da camara ao visconde de Ouro-Preto para encarnar a politica da federação a fim de que o seu ministerio *não fosse o ultimo da monarchia*, eu disse á mocidade republicana que enchia o recinto da camara e batia palmas de entusiasmo aos novos prophetas: "Monarchista, eu hei de ficar firme como um rochedo. Lembrai-vos dos Andradas

restauradores, e dos liberaes, obrigados a procurar um refugio contra a olygarchia na maioridade de um menino." Identificar-me com a monarchia naquella hora era o mesmo que me identificar com ella depois de cahida. Os que eram monarchistas na esperanza de que a instituição se havia de conservar podem dizer, ao passar para a republica, que estavam enganados. Eu nem essa desculpa teria.

Confesso, entretanto, que sinto muito menor constrangimento hoje do que antes ao recusar dizer-me republicano. Eu cheguei uma vez a manifestar na camara, phrase de que só me recordo porque teve a honra de ser commentada no Senado, que no Brazil era preciso maior coragem para alguém dizer-se monarchista do que republicano. Não me referia á tolerancia, ou á preferencia da monarchia pelos republicanos, mas á difficuldade de sustentar uma instituição, visivelmente degenerada pelo scepticismo dos que a serviam, contra outra que parecia ter fé. Hoje desapareceu o ascendente que a republica exercia no tempo em que ella tinha por si o prestigio da abnegação e a virgindade do desconhecido. Já não a contemplamos, doirada pelos primeiros raios do sol, com a altura incommensuravel de um ideal; vemol-a reduzida a homens e a factos que podem todos ser comparados aos da monarchia com vantagem para esta. O unico prestigio moral que a idéa republicana tem ainda, póde-se dizer que não se exerce mais sobre a imaginação, mas sómente sobre o amor proprio nacional: teriamos talvez vergonha de quebrar, tão cedo depois de a haver fechado, a unidade republicana da America; falta-nos ainda a energia do homem feito para dizer aos nossos vizinhos: "Experimentamos as vossas instituições, e nos demos tão mal como vós."

De facto a republica, moralmente fallando, só tem perdido terreno desde 15 de Novembro. Não se verificou sómente que o paiz não estava preparado para ella, mas tambem, o que é talvez peor, que ella não estava preparada para o governo. Diz-se que ella não tinha homens, é um perfeito engano ; ella tinha a seu serviço, alem de uma brilhante mocidade para secundal-os, dez vezes mais homens de alto merito do que lhe era preciso para organisar-se democraticamente em todo o paiz. O que ella não tinha era principios.

Eu sou o primeiro a dar testemunho de que o partido republicano foi inicialmente um movimento puro de aspiração democratica ; o primeiro grande contingente, porem, que elle recebeu, o da escravidão, fel-o perder de vista o povo ; e o segundo contingente, o do exercito, que o tornou vencedor sem combate, fel-o perder de vista a propria republica.

Ao passo que outr'ora a menor injustiça contra um republicano, uma simples preterição em concurso, levantava no campo monarchico protestos que iam sempre echoar na consciencia do primeiro republicano do paiz, hoje o partido republicano, qualquer que seja a violencia praticada, emmudece como si se tratasse de causa estranha. Temos visto longas encarcerações sem processo, deportações e banimentos por crime de influencia politica, verdadeira resurreição do antigo ostracismo, a annullação tacita, e quando preciso expressa, do *habeas-corpus*, o julgamento de factos civis e politicos—não crimes—em segredo de justiça, por uma commissão militar *ad hoc*, uma só para toda a republica, ao passo que em tempos do Imperio mesmo os militares que tomassem parte em rebelião eram julgados pelo jury, por ultimo vae-se pro-



ceder ás eleições em estado de sitio, sem um protesto do partido que achava pouca a liberdade da monarchia.

Dizem que tudo isto é preciso para consolidar a republica. Eu admiro mais o processo da revolução franceza de 1848, proclamando todas as liberdades ao nascer.

Cita-se a Convenção, mas a Convenção, ao menos, era uma assembléa.

“A republica realizou em dias as reformas que o Imperio não pôde fazer em annos, sem fallar da Constituição,” é o que nos lançam em rosto.

A Constituição, está visto, é o que se devia esperar no fim do seculo das constituições da ultima edição do melhor modelo conhecido; mas, n'uma republica, uma Constituição decretada, e n'uma federação, uma Constituição que não é feita pelos Estados entre si, é uma dessas ousadas innovações com que a actual dictadura surprehende os que a accusam de plagiaria em revolução. Ainda não nos citaram a autoridade de Alexandre Hamilton, mas eu me contento com a do Condé de Lippe. Não ha despotismo na America que não coexista com uma constituição liberrima. As fórmulas da liberdade definem tanto os governos que as revestem como o pigmento o caracter.

Quanto ás reformas, a naturalisação tacita, que se tem pela mais adeantada e cosmopolita de todas, só servio para fazer o governo do Brazil apparecer perante o direito internacional com a estranha noção de que renuncia a patria quem vive no estrangeiro. Dahi a abrir os braços ao estrangeiro ha a mesma differença que entre a hospitalidade e o recrutamento. Declarar que seria

brazileiro quem o quizesse ser, sem exigir condição alguma, já era insinuar a nossa nacionalidade aos nossos hospedes; não era necessario decretar, porém, brasileiros os que se esquecessem de dizer que agradeciam o nosso obsequio.

Ao casamento civil obrigatorio não tenho nada que objectar senão que em um paiz onde a media dos illegitimos é tão grande, e onde se tornava preciso facilitar o casamento por alguma lei, como a antiga lei da Escossia, a republica achou que era pouco um casamento e exigio dois. Calcule-se o effeito de tal medida quando um já parecia demais a tão grande numero de casaes.

Resta o suffragio ampliado aos que sabem ler e escrever. Estranho suffragio universal n'um paiz onde a proporção dos analphabetos é tambem tão consideravel! N'este ponto eu mantenho a attitude que tomei ao lado de José Bonifacio contra uma qualificação que exclue do direito do voto a massa do nosso povo sem alliviar a do imposto da fome e do imposto do sangue. Quando mesmo, porém, a republica se pudesse gabar de ter grandemente augmentado o eleitorado, não valia a pena multiplicar-o para reduzil-o ao que elle era antes da lei Saraiva. Não será honroso para a tradição republicana ter destruido a planta da liberdade eleitoral que ella encontrou nascente em nosso solo e que não pôde ainda brotar em nenhum outro ponto da America Latina.

A legitimidade que se pretendeu crear para a republica de ter feito em dias grandes refórmias, tem o valor de um prospecto de companhia. Em todo o caso as tres refórmias de que ella se jacta (fóra a Constituição outorgada), o casamento civil obrigatorio, a naturalisação

tacita e a ampliação do suffragio, não dizem respeito aos milhões do nosso povo, que não é acatholico, nem estrangeiro, e, por ultimo, não sabe ler e escrever.

A refórma essencial, que era limitar o arbitrio do poder, essa retrocedeu tanto que não é dado sequer imaginar no futuro condições em que o governo deixe de ser superior, para voltar a ser subordinado á lei.

Não se supponha que tenho em vista criticar a administração republicana. Estou tomando apenas exemplos do abandono das aspirações republicanas pelo proprio partido republicano no dia do triumpho, para mostrar a falta de relação entre a instituição que elle apregoava e o estado do paiz.

Eu poderia dizer que é inutil discutir esse ponto depois que os republicanos não acharam para pôr no lugar da monarchia senão o governo militar, que representa um periodo de crescimento social anterior ao da monarchia parlamentar, e que não pôde em caso algum preparar o paiz para a republica. Basta dizer que o militarismo entregue a si mesmo produziria necessariamente a monarchia, ou, se fazem questão de palavra, a monocracia de Bolivar, *reis com o titulo de presidentes*, como elle dizia, os reis da espada, podemos dizer.

Não ha vangloria maior do que a dos republicanos, de que hão de eliminar o elemento politico militar como eliminaram o monarchico. Substituiram o Imperador pelo *Imperator* pensando que não viria mal dahi ; ainda uma vez não contaram com o instincto irreductivel do paiz. Esse instincto é tão forte que logo destacou o general Deodoro dos seus companheiros. Pelo simples facto de succeder ao Imperador elle se achou com os mesmos poderes, sem as normas, está visto, dentro das quaes o

Imperador se constituiu prisioneiro voluntario dos partidos durante meio seculo.

Tambem ninguem está collocado em posição tão favoravel como o general Deodoro para verificar se o Brazil é organicamente um estado monarchico ou um estado republicano, e dizer qual das duas, a monarchia ou a republica, limita melhor o poder de qualquer chefe de estado effectivo. Digo effectivo porque é a melhor hypothese para a republica. Eu sei que havemos de ter chefes de estado que não tenham prestigio proprio, como tinha o Imperador, e como tem seguramente o marechal Deodoro, o qual pôde dizer que a victoria de 15 de Novembro foi sua personalissima e que bastava estar elle do lado do Imperador para a monarchia ainda estar de pé. Mas ainda mesmo na hypothese de um chefe de estado sem personalidade dominante, a liberdade do cidadão estaria melhor abrigada na monarchia, que tem tradições e limites, do que na republica entregue ao litigio de pretendentes de segunda ordem.

Eu poderia tomar outra prova da immaturidade da republica—as suas finanças. Não é verdadeiramente estranho que a nova republica tenha ido copiar o seu systema financeiro da Argentina, no momento em que alli se fazia um supremo esforço para evitar a bancarrota por meio da revolução?

A politica financeira do visconde de Ouro Preto foi fortemente atacada, mas tinha ella sempre esta superioridade sobre a do seu successor—que eram finanças de ouro e não de papel. Parece proposital que fôsse o redactor do *Diario de Noticias* quem deu o curso forçado ás notas do Banco Nacional. Quando se lêem hoje os torrencias artigos daquelle jornal contra os *escandalos da monarchia*,



a impressão que se tem é como a de quem volta á aldeia natal depois de ter visto o mundo. Como tudo aquillo parece pequeno! Felizes escandalos esses, quando se apurava a minima fracção de juro dos empréstimos, quando se discutiam as relações dos negociadores com a administração, quando o facto do mesmo individuo obter em pontos extremos do paiz duas ou tres concessões, que aliás não lhe rendiam nada, e os menores detalhes da concorrência, tudo era sujeito á lente dos bacteriologistas da imprensa para descobrir o micro-organismo corruptor.

As contas dos chamados "funeraes da monarchia" hão de parecer spartanas a quem fizer as do baptizado, ou, mais propriamente, do registro civil da Republica.

A Republica porem chega a mostrar-se, nas exposições de motivos do seu ministro da Fazenda, gloriosa da especulação a que tem dado logar o seu papel-moeda.

Finanças menos democraticas e menos federalistas, francamente é impossivel imaginar. Não é so quanto á democracia, o principio de que a emissão é privilegio exclusivo da representação nacional, que vae por agua abaixo; é, quanto ao federalismo, a criação que surge de um novo aparelho de centralisação, em todos os sentidos o mais ruinoso e exhaustivo para o paiz inteiro, sem duvida alguma o mais indifferente á pureza da administração e á sorte das classes pobres, como é uma fabrica central de papel-moeda particular para as necessidades da especulação fluminense.

Em vez de aproveitar-se o momento da revolução para começar a liquidar o antigo regimen centralizador e

apurar as responsabilidades geraes das provincias de modo que os novos Estados entrevissem no futuro um regimen de verdadeira autonomia, o governo republicano, sem delegação nacional, sem poderes, senão os que pretende ter recebido do exercito, o qual aliás por si mesmo só poderia quando muito levantar tributos sobre territorio estrangeiro, atou, pelo contrario, os Estados á capital pelos laços de ferro de emissões collossaes, destinadas a vitalizar não a lavoura e as industrias, mas uma unica industria bem pouco republicana, a industria do monopolio.

Se algum dia, reunidos em congresso, republicanos verdadeiramente autonomistas, zelosos dos direitos e da vida dos seus Estados, querendo que elles contribuam normalmente para as despezas geraes com toda a sua quota, mas nem um vintem mais do que a sua quota, começarem a liquidação dos encargos geraes e provinciaes e o encontro das dividas reciprocas, a cada passo elles hão de verificar que as finanças da republica tornaram o problema da federação muito mais difficil do que o Imperio o deixou, e que a sorte economica dos Estados, portanto, no caso de alguns a sua existencia separada, se acha muito mais compromettida.

Fallo da revolução sem resentimento, porque no estado a que tinhamos chegado reputo um bem para todos a queda da monarchia. De nenhum outro modo se teria podido provar, tão bem como elles mesmos o fizeram, a profunda deterioração dos esteios em que ella se apoiava, nem o principio monarchico se desprenderia tão intacto e perfeito dos elementos que corromperam a instituição sem attingil-o. Isto quanto á monarchia. Quanto á republica, era preciso que o paiz perdesse as illusões que tantos

tenham formado a respeito d'ella, e tivesse no futuro factos e algarismos proprios que oppôr ás imagens da Revolução Franceza, á *Politica Positiva* de Comte e, na phrase do *Paiz*, "á unidade institucional do Continente."

Dá-se como signal de madureza da republica a sua facil acceitação. Julgo conhecer bastante as correntes da opinião, as tendencias do sentimento popular, para affirmar que o povo se mantem completamente alheio á chamada *adhesão*. Não é em seu seio que se passa esse phenomeno de maré politica, aliás sem importancia. Tacito descreveu-o no seu tempo. *Nec cuiquam ultra fides aut memoria prioris sacramenti, sed quod in seditionibus accidit, unde plures erant omnes fuere.* Nas revoluções para onde vão alguns, vão todos.

Se eu tivesse por ambição na vida ser cidadão de uma republica, ha muito, conforme a liberdade fallasse mais á minha imaginação pelo prestigio de uma tradição immemorial ou de um futuro garantido por seculos, eu me teria naturalizado suiso ou norte-americano. Teria assim a certeza de pertencer a uma republica authentica. A minha ambição, porém, era ver a liberdade desenvolvida e aperfeiçoada no meu proprio paiz o mais que nos fosse possivel, e para isto eu não podia pensar na republica. A republica nos paizes latinos da America, é um governo no qual é essencial desistir da liberdade para obter a ordem.

Quasi todas essas nações, a começar do Mexico, vivem a comprar umas simples apparencias de ordem, e note-se bem de ordem puramente material, á custa dos maiores sacrificios da sua liberdade, e sentem verdadeiro allivio sempre que se podem refugiar em um despotismo—raramente honesto—dos transe da guerra civil e da anarchia.

Dizem republicanos que essa vida medieval de constantes aventuras desenvolve a energia do character. Quaesquer que sejam os seus effeitos sobre a coragem da paqueta casta combatente, o certo é que esse modo antigo de existencia mantem na maior miseria e ignorancia a massa da população nativa.

A quem falla essa linguagem a unica resposta é:—E os Estados-Unidos ?

Pois bem. Herbert Spencer, visitando ha alguns annos a União Americana, teve occasião de emittir uma opinião que eu quizera ver lida e meditada pelos republicanos de pensamento, os que estão experimentando scientificamente a republica em nosso paiz. Não tenho que me desculpar da extensão da citação. Não posso prestar melhor serviço do que tornando-me traductor de Spencer na Republica de Comte.

Tendo elle notado que a democracia estava escravizada aos grandes machinismos eleitoraes, perguntou-lhe o seu interlocutor :

“Pensais então que as instituições republicanas são um desastre ?”

—“De fôrma alguma ; não tiro semelhante conclusão. Ha trinta annos, discutindo frequentemente politica com um amigo Inglez, e defendendo as instituições republicanas como sempre fiz e faço ainda, quando elle argumentava com o mau funcionamento dessas instituições em vosso paiz, eu costumava responder que os americanos tinham tido a sua fôrma do governo por um accidente feliz, não por progresso normal, e que elles teriam de voltar ~~atras~~ antes de poderem seguir para deante.



“A America (os Estados-Unidos) está mostrando, em escala mais vasta do que nunca antes, que as Constituições de papel não trabalham como são destinadas a trabalhar. A verdade, primeiro reconhecida por Mackintosh, que as Constituições não se fazem mas crescem, verdade que faz parte da verdade maior, que as sociedades em toda a sua organização não se fazem, porém crescem, afasta de uma vez a idéa de que se possa dirigir como se quer um systema de governo artificialmente combinado. A inferencia é que se uma structura politica fôr fabricada, em vez de a deixarem crescer, ella immediatamente começará a crescer para ser coisa differente do que se queria, e mais de harmonia com as naturezas dos cidadãos e as condições sob as quaes a sociedade existe. E’ evidente que aconteceu isso comvosco.”

A causa desse defeito no organismo republicano dos Estados-Unidos é exposta no seguinte trecho do dialogo, cada uma de cujas observações deve ser lida com o pensamento em nosso paiz :

“Provavelmente vos surprehenderá ouvir que o Americano não tem, penso eu, a noção sufficientemente prompta do seu proprio direito, nem tambem, como consequencia necessaria, uma noção sufficientemente prompta do direito dos outros, porque esses dois traços tem relação de origem entre si. Eu observo que tolerais varias pequenas interferencias e imposições a que os Inglezes pensariam logo em resistir.

—“Acreditaes então que vale a pena resentir qualquer insignificante aggressão? Nós Americanos pensamos que não, porque isso traz muita perda de tempo e de paciencia e não deixa lucro.

—“ Exactamente isso é que eu chamo caracter. E’ essa facilidade de consentir pequenos abusos, porque seria incommodo, ou pouco lucrativo, ou impopular oppor-se a elles, que gera o habito de acquiescencia ao mal e a decadencia das instituições livres. As instituições livres só podem ser mantidas por cidadãos cada um dos quaes esteja prompto a oppor-se a qualquer acto illegitimo, a qualquer assumção de supremacia, a qualquer excesso official do poder, por mais trivial que pareça. Como diz Hamlet “ ha muito que brigar por causa de uma palha ” quando a palha envolve um principio. Se como dizeis do americano, elle se detem para considerar se deve fazer o sacrificio do tempo e do incommodo, ou se a resistencia lhe deixará vantagem, não ha duvida que a corrupção abrirá brecha no systema. Todas as quédas de formas mais altas para outras mais baixas começam de modo trivial e é só por incessante vigilancia que podem ser impedidas. Como um dos vossos primitivos estadistas disse : ‘ O preço da liberdade é eterna vigilancia ’ ; mas é preciso essa vigilancia, muito menos para a aggressão estrangeira contra a liberdade nacional, do que para o crescimento insidioso de interferencias domesticas em nossa liberdade pessoal. Vós vereis constantemente que corporações particulares, como companhias anonymas, soffrem desastres por não se conformarem com esse principio, e o que é verdadeiro com essas pequenas e simples administrações privadas, o é ainda mais tratando-se de grandes e complexas administrações publicas. . . .

“ A verdade é que instituições livres só podem trabalhar convenientemente nas mãos de homens cada um dos quaes seja zeloso de seus direitos e tambem, por sympathia, dos direitos alheios. A forma republicana

de governo é a mais alta forma de governo, porém, por causa disso ella requer o mais alto typo da natureza humana, um typo que presentemente não existe em parte alguma. Nós ainda não chegamos a elle, nem vós tão pouco."

Muito menos nós, ousou dizer.

O povo americano, se tem duvida, como acabamos de apprender, a respeito das pequenas cousas, não tem nenhuma a respeito das grandes e tem a sua immensa energia e vontade sempre em estado latente promptas á primeira ordem.

Agora quanto á vigilancia de que somos capazes na defeza do nosso direito. O meu velho e saudoso mestre, o barão de Tautphœus, fez-me uma vez notar que em nosso paiz o interesse do povo na vida publica (portanto a responsabilidade do funcionario) é tanto menor quanto a esphera de interesses mais directamente lhe concerne. E' assim que as cousas da municipalidade, que dizem respeito á salubridade do ar que elle respira, da agua que elle bebe, a tudo que o cerca, ao meio em que elle vive, despertam-lhe menos interesse do que as eleições provinciaes, estas menor interesse do que as geraes, e d'ahi a inferioridade das municipalidades relativamente ás assembléas provinciaes e a destas por sua vez em relação á geral. No jury, na escola, nos bancos, nas companhias, ninguem zela o seu interesse. Não se constroe nada senão para abandonar depois, nada se conserva em vista do futuro, não se guarda nenhuma tradição, as gerações prendem-se umas ás outras por laços cada vez mais fracos, a vida social é representada por um minimo de memoria historica e de consciencia collectiva, por um rudimento apenas de solidariedade.

Onde e quando os Americanos do Norte procederam pelo *pronunciamento*, entregaram suas liberdades a um homem, deram uma missão providencial á classe militar, obedeceram a individuos sem mandato, reconheceram leis em que não tiveram parte, pagaram impostos que não votassem? Para a consciencia Norte-Americana o militarismo está na hierarchia dos governos muito abaixo da monarchia constitucional. Não ha um Americano educado, fóra da classe mal reputada dos *politicians*, que não preferisse prestar adhesão como *subdito* ao governo de D. Pedro II, a obedecer como *cidadão* a qualquer das tyrannias da America Latina. Entre o presidente e a rainha Victoria a nação Americana hesitaria (si se fizesse um appello á sua consciencia que pudesse calar o seu amor proprio) em pronunciar qual dos dois governos é mais digno de ser obedecido por homens livres. Dizem-me que nos Estados-Unidos ainda hoje a pergunta unica sobre o Brazil é esta: "Onde está D. Pedro?"

Aquelles *Estados* nasceram da emigração religiosa, cresceram sob a tradição do *Commonwealth*, foram no principio uma selecção puritana, passaram a ser um producto da autonomia, expandiram-se pela attracção da sua liberdade sobre a imaginação dos fortes engeitados de raças fortes, de modo que constituiram um typo nacional unico, de uma actividade, de uma confiança em si, de uma energia e resolução á prova de todas as tensões humanas, educado em principios que formam um novo codigo da luta pela vida, raça nervosa, mecanica e inventiva, de alma electrica, creada nos Common Schools e impregnada da poesia da neve. Não somos os Estados-Unidos.



Em paizes do typo do nosso, sob a fórma republicana, nunca um partido cahirá do poder senão pela revolução. Só do campo da guerra civil, das barricadas das cidades, poderão surgir novas situações politicas. O voto não vale nada. O que se fazia antigamente pela dissolução, a purificação do ar no governo, terá que ser feito no futuro pela revolução; de outra fórma haverá a estagnação. As monarchias têm interesse em alternar os partidos, em conservar o espirito de fiscalização livre no paiz; o interesse dos governos republicanos é, pelo contrario, perpetuar-se no poder.

Começamos a ver isto. Os republicanos diziam hontem fallando da dictadura: "Esperemos a Constituinte"; hoje, vendo como o primeiro Congresso vai ser eleito, appellam para os futuros Congressos, e assim irão de adiamento em adiamento. O Sr. Saraiva, com a sua pureza eleitoral, suppõe que pôde reproduzir-se na republica, e por isto confia nella. Elle não vê que foi um phenomeno, um crescimento exclusivamente monarchico.

Mas a consciencia republicana está satisfeita. A grandeza desta geração perante a historia parece que consistirá em ter renunciado a sua propria liberdade para destruir a excepção que encontrou na America.

"Venham as peores dictaduras, nós nos consolaremos de tudo com a idéa de que destruimos para sempre a hereditariedade monarchica no Novo Mundo, e no futuro quando o paiz conquistar a plena liberdade republicana reconhecerá que fomos nós que lhe abrimos a estrada."

Ha alguma coisa de respeitavel nesse fanatismo que se sujeita a quaesquer provações do despotismo para que

outra geração goze da verdadeira liberdade. Infelizmente, a historia da America Latina está ahi para mostrar que o sacrificio pôde ter sido inutil de geração em geração.

A mocidade apropriou-se a fé viva de Castro Alves :

Para nós o vento da esperança
Traz o pollen do porvir ...

e aspira fazer da sua esperança a seiva ascendente do futuro nacional, mas eu receio que esta como a tragica esperança do Prometheu de Shelley, "só venha a crear o objecto que ambiciona dos seus proprios destroços."

Tenho, porém, bastante abusado de sua indulgencia. Não creio que seja uma hostilidade á verdadeira republica condemnar as formas grosseiras da superstição republicana em nome do idéal republicano e da tradição monarchica. Um ex-ministro referiu-me que, ao entrar um dia no paço, vio o imperador discutindo com um seu collega sobre a melhor forma de governo e sustentando a republicana. Será difficil fundar uma republica no Brazil que tenha tantos caracteristicos da verdadeira republica como tinha a monarchia. Classificar os governos pela sua fórma é como a antiga classificação botanica pelas similhanças exteriores. Os governos, como os vegetaes, devem ser classificados pelos órgãos da fructificação, fructificação em liberdade, em direito, em honestidade, em progresso.

Não idealiso a monarchia que tinhamos ; digo somente que ella era, ao contrario das republicas que

podemos ter, um governo que se podia pensar em melhorar progressivamente, e acceitar como digno de homens livres.

A historia recordará como uma de suas paginas mais originaes essa monarchia brasileira que não era militar, nem clerical, nem aristocratica, e por isso foi derribada pelo exercito, depois da revolta do escravismo, entre a indifferença da egreja. Se o Brazil fosse uma das grandes nações do mundo, seria uma grande casa reinante essa curta dynastia que deu a metade do seu throno para fazer a Independencia e a outra metade para fazer a Abolição.

Estou prompto a dizer-me republicano, mesmo com a certeza da restauração deante de mim, se se modificar em meu espirito a convicção de que a republica no Brazil ha de ser fatalmente uma fôrma inferior de despotismo, desde que não pôde ser uma fôrma superior de anarchia; não basta, porém, a certeza que têm todos de que a monarchia não voltará mais, para eu deixar de ser monarchista.

“Monarchista sem esperança de monarchia, para que serve?”

Serve para não ser republicano sem esperança de liberdade. Sempre me pareceu que os republicanos sob o Imperio procuravam com o seu elevado sonho de republica crear para si, dentro do paiz que elles julgavam mal e interesseiramente governado, um refugio moral abstracto, uma especie de Thebaida ideal, na qual podessem respirar o ar de nossa terra livre e purificado. Posso dizer que sinto hoje a triste consolação deste desterro na propria

patria não me dizendo republicano, o unico titulo em
nossa politica que eu algum dia invejei.

Acceite, meu caro collega, os meus sinceros agrade-
cimentos e as minhas cordiaes despedidas.

JOAQUIM NABUCO.

Rio, 7 Setembro de 1890.

